



VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Por Atty. Myrna T. Pagsuberon e Ir. Maria Elizabeth Ello, SSpS
Filipinas Sul

VER

GISELA

Gisela, 40 anos de idade, e seu marido Niño – eram um casal de peso. Ela era a primeira mulher piloto licenciada numa linha comercial. Quando Gisela casou com Niño, três anos atrás, foi pressionada pelo marido a renunciar à sua carreira lucrativa para concorrer à eleição e assumir o assento de Prefeita da cidade, enquanto ele aspirava se eleger a um cargo público mais alto. Como esposa que queria agradar o marido, Gisela largou sua carreira e sua paixão de voar, e concordou em tentar a política e entrar na vida pública. Ambos foram eleitos a cargos públicos em maio de 2015: Gisela como Prefeita de um Município numa ilha, e o marido, Niño, como Membro Administrativo de sua Província. Ambos eram amados e respeitados por seus respectivos constituintes, mas a vida doméstica pode ser resumida como totalmente diferente, pois depois de apenas 3 anos de casamento, e menos de 2 anos como Prefeita, Gisela queria renunciar como Prefeita e sair de seu casamento. Mas antes de poder fazê-lo – foi atirada a queima roupa pelo marido e seu corpo atirado ao fundo do mar.

DAISY

Daisy – filha, irmã, esposa, mãe, membro devotado de coral e mulher bíblica de sua igreja local, e Executiva numa companhia Estatal de construção estrangeira. Enquanto era bem sucedida e sob os holofotes num “mundo dos homens”, em casa era.... (argamassa de vidro) nas mãos do marido: submetendo-se ao marido, como exorta a Bíblia. O marido nunca a deixou esquecer por um momento que ele era a cabeça da família, e que ela era apenas a esposa. Daisy sofreu todas as formas de abuso por parte do marido: física, sexual, psicológica e financeira – como que jogando fora seu dinheiro duramente ganho, e perdendo as propriedades herdadas por ela e adquiridas para sua família. Depois de mais de 20 anos, Daisy finalmente achou coragem para reaver sua vida, mas na primeira tentativa de dizer não a mais abuso, foi estrangulada e brutalmente apunhalada até a morte pelo marido. Seu corpo foi encontrado três dias depois no lixão ao longo da estrada.

AMY

Amy – casada desde os 18 anos de idade com um homem que primeiro a estuprou, e que repetidamente a estuprou mesmo no casamento. Ao longo dos anos foi habitualmente batida pelo marido para “colocá-la no devido lugar”. Muitas vezes fugiu para buscar ajuda de um agente social, do chefe da vila, do prefeito e até do pároco – todos tentaram ajudá-la, mas os maus tratos pioravam cada vez que chegava em casa. Aos 38 anos e depois de 8 filhos, sofrendo da síndrome de mulher surrada, Amy matou o marido a golpes de machado, antes de ele conseguir machucá-la e os filhos novamente. Agora Amy está na cadeia, pois o sistema de justiça fechou os olhos aos mais de 20 anos de abuso que sofreu e a condenou por seu último ato de libertação de sua miséria.



Estas são mulheres vítimas de violência doméstica e estas são apenas os casos piores de como a Violência Contra as Mulheres pode terminar. Conheço-as pessoalmente e as tenho encorajado em alguns momentos de sua vida. Mas Gisela e Daisy, enquanto ambas protegiam uma imagem pública de confiança e sucesso, admiradas e invejadas por muitos, não sabiam o que acontecia na vida privada até serem mortas tragicamente. Encontrei Amy na corte. Pode estar viva, mas é virtualmente uma morta viva: sente que sua libertação de seu marido abusivo não merece a dor da separação de seus 8 filhos – com idades de 8 meses a 16 anos de idade.

Mesmo sendo tentados a acreditar que a Violência Doméstica acontece apenas aos pobres e marginalizados ou apenas em países pobres e em desenvolvimento, as seguintes estatísticas vão chocar nossa percepção de que, de fato, o problema é pandêmico.

RELATÓRIO MUNDIAL PUBLICADO PELA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS)

Mais ou menos 1 em 3 (35%) das mulheres no mundo experimentaram violência física e/ou sexual por parte de seus parceiros íntimos ao longo de sua vida.

- De todas as mulheres vítimas de homicídio no mundo em 2012, quase a metade foi morta por parceiros íntimos ou familiares; especificamente na Austrália, Canadá, Israel, África do Sul e os Estados Unidos – entre 40 e 70% das mulheres assassinadas foram vítimas dos parceiros íntimos; e a cada dia, nos Estados Unidos, mais de três mulheres são mortas pelos maridos ou namorados.
- Mundialmente, mais de 700 milhões de mulheres vivas hoje foram casadas como crianças (abaixo de 18 anos). Destas mulheres, mais de 1 em



3 – ou uns 250 milhões – foram casadas antes dos 15 anos. Esposas crianças, muitas vezes não conseguem lidar efetivamente com o sexo seguro, o que as deixa mais vulneráveis ao abuso, gravidez precoce, bem como infecções sexualmente transmissíveis, incluindo HIV.

- Em torno de 120 milhões de meninas mundo afora (aproximadamente mais que 1 em 10) experimentaram relações sexuais forçadas ou outros atos sexuais forçados nalgum ponto de sua vida. Os perpetradores mais comuns de violência sexual contra as meninas são os maridos atuais ou passados, parceiros ou namorados.
- Pelo menos 200 milhões de mulheres e meninas vivas hoje foram submetidas à mutilação/corte dos genitais femininos em 30 países, conforme as novas estimativas publicadas em 2016 no ‘Dia Internacional de Tolerância Zero para a Mutilação Genital Feminina das Nações Unidas’. Na maior parte destes países, a maioria das meninas foi mutilada antes da idade de 5 anos.
- Em 2007 foram relatados mais de 8.093 casos de mortes relacionadas ao dote na Índia.
 - Em 2014, nos 28 Estados Membros da União Europeia, um pouco mais de uma em cinco mulheres experimentou violência física e/ou sexual do parceiro.
- Dados da Prevalência da Violência contra as Mulheres: Pesquisas por País, compilado por Mulheres das Nações Unidas em dezembro de 2012, mostram as porcentagens de mulheres, por país, que relataram alguma experiência de violência física ou sexual ou ambas por parte de um parceiro íntimo.



O QUE É VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?

Violência Doméstica é a forma mais insidiosa e comum de Violência Contra as Mulheres. É um molde de comportamento abusivo caracterizado pela intenção de obter ou manter poder e controle sobre um parceiro íntimo ou outros familiares. A Violência Doméstica é caracterizada por ações violentas ou ameaças de atos violentos, incluindo comportamentos que intimidam, manipulam, humilham, isolam, assustam, aterrorizam, coagem, ameaçam, culpam, ferem, injuriam ou matam um parceiro.

Esta violência pode tomar a forma de assalto físico, abuso psicológico, abuso social, abuso financeiro ou sexual. O abuso pode se estabelecer ao longo do tempo e, em geral, começa sutilmente com insultos, um empurrão ou alienação do sobrevivente da família e amigos. Com o tempo, o comportamento abusivo pode ser mais frequente e severo.



Violência Doméstica é o termo mais comumente usado para violência contra as Mulheres por um parceiro íntimo, mas também é conhecida como violência de parceiro íntimo, violência familiar ou maus tratos. Estas definições variam entre estados, países e organizações, mas todas se baseiam na mesma premissa – *o abuso e/ou mau uso do poder nos relacionamentos familiares, íntimos ou de coabitação para controlar.*

POR QUE ACONTECE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?

A Violência Doméstica está intimamente ligada a poder e controle. A Violência contra as mulheres e meninas está relacionada à sua falta de poder e controle, bem como às normas sociais que prescrevem os papéis de homens e mulheres na sociedade e a remissão de abuso.

De fato existem muitos fatores que causam e/ou contribuem à Violência Doméstica, entre os quais os seguintes:

1. Certas condições sociais e crenças que encorajam ou permitem a violência, como:
 - Valores culturais e tradicionais que dão aos homens direitos de propriedade sobre as mulheres e dominação masculina mantida por uma série complexa de arranjos institucionais e sociais, reforçando a noção de as mulheres serem subordinadas aos homens;
 - Interpretação de alguns ensinamentos religiosos de liderança e a submissão da esposa a seu marido;
 - Direito e dever do marido de manter boa ordem na família, punir suas esposas por negligência, especialmente a falta das esposas manterem seu devido lugar;
 - Valores tradicionais que muitas vezes minam a afirmação formal da igualdade entre homens e mulheres.
2. Certas respostas da comunidade perpetuam a violência:
 - A cultura do silêncio, onde os abusadores se escondem por trás do silêncio da vítima;
 - A maioria das sociedades considera a família sacrossanta – não deve sofrer interferência de externos ou do Estado, e os assuntos dos membros da família são considerados privados;
 - Uso normalizado da violência na família para resolver conflitos.
3. Certas características foram consideradas comuns entre os agressores que usam da violência: Socialización rígida en sus roles de género, donde los hombres desempeñan su papel superior y esperan la sumisión de las mujeres;
 - Socialização rígida nos seus papéis de gênero, onde os homens atuam em seu papel superior e esperam submissão das mulheres;
 - Baixa autoestima e sentimentos de insegurança;
 - Necessidade de manter poder e controle;
 - Violência é a forma aprendida para resolver conflitos;
 - Exposição à violência entre os pais enquanto crescem;
 - Desordem/s de personalidade.

Alguns destes fatores são, sem dúvida, influenciados e agravados pelo Patriarcado. Enquanto o Patriarcado é a cultura tradicional, historicamente prevalente

como fonte do poder masculino, não pode mais ser destacado como a causa raiz da Violência Doméstica. A causa raiz é, de fato, o mau uso e o abuso deste poder. Mas o Patriarcado é um fator que contribui significativamente à Violência Doméstica, pois cria um ambiente maduro à efetivação do abuso. Outros fatores tradicionais e culturais, crenças e práticas

religiosas, condições econômicas e políticas numa sociedade Patriarcal poderiam favorecer o ambiente para a violência doméstica. E as mulheres nesta estrutura social de poder patriarcal com papéis de gênero, estão pobremente equipadas para se protegerem se seu parceiro for violento.

Fatores que Mantém as Mulheres em Relacionamentos Violentos	
Fatores Emocionais	Amor e investimento emocional Esperança de que o parceiro abusivo vai mudar Preocupação com os filhos Falta de confiança para tomar uma decisão Medo pela sua vida ou segurança e a de seus filhos e familiares
Fatores Estruturais	Falta de recursos Falta de sistema de apoio (legal, polícia, médico e serviços sociais) Falta de educação ou consciência Falta de conhecimento dos direitos Falta de medidas legais protetivas ou falta de acesso ao sistema jurídico Falta de recurso de trabalho e oportunidades de formação Falta de lugar seguro
Normas Sociais e culturais e crenças religiosas	Compreensão e aceitação de que as mulheres deveriam colocar os direitos, bem estar e interesses de outros acima dos próprios Preservação da família a todo custo Normalização do abuso e da violência Inviolabilidade do matrimônio Interpretação do ensino bíblico sobre a submissão da mulher ao marido



IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A Violência Doméstica é a manifestação mais grave da desigualdade nas relações de poder entre homens e mulheres. Afronta a personalidade das mulheres – um assalto à dignidade das mulheres e grave violação de seus direitos humanos básicos à vida, segurança, e auto determinação. Causa danos físicos, até morte, e mina não apenas seu bem estar mental, emocional, psicológico, espiritual e social, mas também o dos filhos, sua família e sociedade como um todo.

JULGAR

Contemplar o rosto de Gisela, Daisy, Amy ou a mulher vizinha que é abusada, violentada e até morta – nos leva a questionar nossa pessoa, nosso ser membro da comunidade humana, nossas opções de vida. Significa sermos confrontados com olhares vazios, embebidos no sofrimento além das palavras. Clama por silêncio reverente no desdobrar de sua história de sobrevivência, na revelação de seu

desejo de ser valorizada como parte da comunidade humana, na oferta de seu sonho de viver a promessa e o dom que é. Manter seu olhar é ver através de seus olhos tudo o que vai por dentro e por fora. É reconhecer sua pessoa, reverenciar sua história, e enfaixar suas feridas para que toda a comunidade humana seja curada.

No coração da violência contra as mulheres e crianças está a consideração da mulher como menos que o homem. Esta noção chega à sua pior expressão na exclusão das mulheres – uma noção que a rende invisível. Ela que é criada à imagem de Deus, é considerada como não entidade.

Em seu livro 'Inclusividade: Um Mandato Evangélico', Diarmuid O'Murchu afirma: "... a cruel invisibilidade à qual as mulheres foram sujeitadas sob um leque de regimes patriarcais. A opressão em si não é o problema; pior ainda

é a exclusão pela qual a cultura machista dominante escolheu não ver, não quis ver, e acrescentou ferimentos ao insulto, ao não registrar a própria presença de uma mulher. ... É uma exclusão que nunca pode ser justificada em nome da integridade Evangélica".

BÍBLIA

Criados à Imagem de Deus

A Bíblia ensina que a humanidade é criada à imagem de Deus e pede que a comunidade proteja a dignidade, igualdade e sacralidade das pessoas (Gen 1,26-27; Gen 4,11; Ex 23, 9 e Lev 19,34).

Jesus e a Mulher à Margem:

No Evangelho de Lucas (Lc 7,36-50), Simão convida Jesus para uma refeição. Uma mulher de má reputação traz um vaso de alabastro e lava os pés de Jesus com o óleo e suas lágrimas, enxuga seus pés com os cabelos. Simão ficou incomodado que uma mulher de má reputação sequer tocasse Jesus. *Jesus desafia seu julgamento fazendo uma pergunta lancinante: "Simão, você VÊ esta mulher?" O'Murchu parafraseia esta pergunta: "Simão, você de fato vê a pessoa feminina diante de você? Está tão cegado pelos julgamentos moralistas que o impedem de ver esta pessoa pelo que realmente é? E se nem sequer pode vê-la, que esperança existe de você ser capaz de incluí-la – seja em seu coração ou seu lar!"*

Em Lc 13,10-17, uma mulher encurvada por 18 anos por deformidade e opressão, abatida pelo ridículo, rejeição e fofoca do povo sobre a maldição que causou seu mal. E Jesus a curou no Sábado. *'Jesus contorna as legalidades prevalentes a fim de restaurar a saúde da mulher e reintegrá-la à comunidade. ... Agora ela está de pé diante dos rezadores reunidos, que surpreendentemente pareciam felizes quanto à sua recém encontrada liberdade. E ela fita os olhos do presidente da*

sinagoga, um olhar desafiador que ele não consegue evitar. Ele não pode mais excluí-la...'

Nas mulheres aos pés da cruz, vemos fidelidade até o fim, mesmo quando os discípulos homens fugiram de medo. ' ... Elas ficaram esperando a manhã assustadora que impulsionaria numa missão transcendente todos os esforços missionários jamais registrados no Evangelho. ... Quando tudo está fadado ao desespero total, a esperança perdura dolorosa e vivamente num grupo marginalizado liderado por Maria Madalena'.

"Se tomarmos a inclusividade do Evangelho seriamente, a maneira de considerar e abraçar as mulheres do Evangelho vai definir nossa maneira de lidar com os demais resíduos de exclusão patriarcal. Somos chamadas a uma nova colaboração igualitária em que se realize a singularidade tanto masculina e feminina".

O que São Paulo diz na carta aos Gálatas aptamente descreve a comunidade igualitária do movimento de Jesus: "Não há nem Judeu, nem Grego, nem escravo ou homem livre, nem masculino ou feminino; pois sois todos um em Cristo Jesus".

DOCUMENTOS DA IGREJA

O Catecismo da Igreja Católica (nº 1934) ecoa o ensinamento bíblico apontando a igual dignidade de todas as pessoas: "Criados à imagem do único Deus e igualmente dotados de almas racionais, todos... têm a mesma natureza e origem. Redimidos pelo sacrifício de Cristo, todos são chamados a participar da mesma beatitude divina: todos, portanto, gozam de igual dignidade".

Gaudium et Spes 29: "Todo tipo de dizimação social ou cultural nos direitos pessoais básicos com base em sexo, raça, cor, condição



social, língua ou religião, devem ser erradicados como incompatíveis com o desígnio de Deus”.

Papas

Papa João Paulo II: *Mulieris Dignitatem*, (MD, 101): “Esta dominação (do homem sobre a mulher) indica a perturbação e perda da estabilidade da igualdade fundamental que homem e mulher possuem...”

Papa João Paulo: *Carta às Mulheres* (CM, 31): Em nome da Igreja, pediu perdão pelo não reconhecimento e representação errônea das mulheres, que de fato, as relegou à margem da sociedade. E espera que “este perdão se transforme, da parte de toda a Igreja, num compromisso renovado de fidelidade à visão Evangélica: de libertar as mulheres de todo tipo de exploração e dominação”

Papa Francisco, durante uma de suas audiências gerais na Praça São Pedro: “Ainda não entendemos a fundo qual a contribuição que o gênio feminino pode nos dar,



o que a mulher pode dar à sociedade e também a nós. Talvez veja as coisas com olhos diferentes que complementam os pensamentos dos homens”.

Para Francisco: “Gostaria de sublinhar que a mulher tem a sensibilidade particular para as ‘coisas de Deus’, acima de tudo no entendimento da misericórdia, ternura e amor de Deus por nós...”

DOCUMENTOS CONGREGACIONAIS

Constituições e Diretório SSps

Artigo 109,3: Consideramos como missão importante capacitar as mulheres a crescerem na consciência de sua dignidade pessoal e de seu papel na família, Igreja e sociedade.

Documentos de Capítulos Gerais SSps

1990 - 10º C.G.: Prioridade: Mulheres, Jovens e Crianças; Estratégia: Promoção das Mulheres

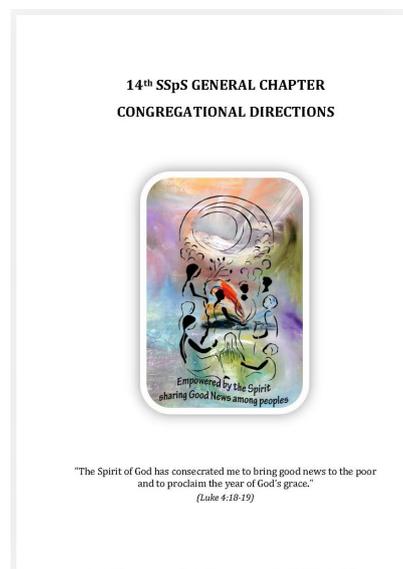
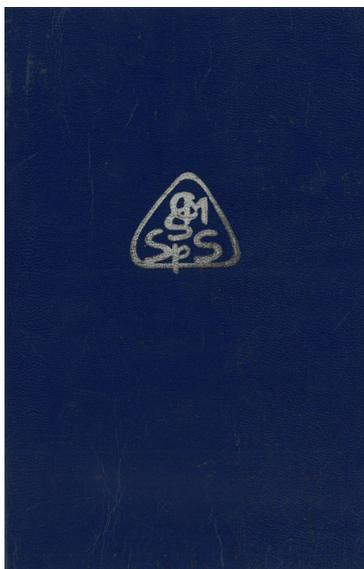
1996 - 11º C.G.: Prioridade na Missão: Promover as Boas Novas de Jesus de forma relevante como Mulheres Proféticas

2002 - 12º C.G.: ... chamadas e enviadas aos mais excluídos na sociedade... como Mulheres às Mulheres

2008 - 13º C.G.: O que nosso encontro contigo, Senhor

Ressuscitado, significa para nós hoje como Autênticas Mulheres Discípulas, Testemunhas Interculturais em Aprendizagem?

2014 - 14º C.G.: Em Vista da Comunhão - Alargando o Círculo “... Por suas palavras e ações, Jesus chamou de volta à comunhão todos o que, de uma ou outra forma, caíram fora ou foram empurrados à margem. Estendeu a mão a todos, mas especialmente aos pecadores, pobres, doentes, mulheres e pessoas de outras crenças. Viveu as boas novas que proclamava em suas histórias e parábolas: Ninguém é excluído do Reino de Deus”.



ACABAR COM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM CHAMADO À AÇÃO

Lidar com a Violência Doméstica vai além da capacidade de indivíduos e familiares. Não é apenas tarefa da polícia ou juízes. Não basta ter remédios legais e serviços protetivos, pois como podem os despotencializados dispor deles, e como podem os sem voz ser ouvidos?



Uma resposta efetiva à Violência Doméstica precisa ser multi-setorial e multi-disciplinar. A Liberdade da Violência é um cuidado de todos. Intervir é obrigação de todos, mais especificamente os seguidores de Jesus.

O que segue são apenas exemplos de respostas para lidar com a Violência Doméstica e a lista pode continuar:

1. Programas de Prevenção

Como a Violência Doméstica é tanto uma consequência como uma causa da desigualdade de gênero, programas primários de prevenção dirigidos à desigualdade de gênero e às causas raiz da violência devem ser desenvolvidos, tais como:

- Treinamento/orientação da sensibilidade de gênero que acentuem a complementaridade dos gêneros feminino e masculino;
- Currículos de gênero apropriados em escolas para eliminar estereótipos e tendências rígidas de gênero e focar na mudança de normas e atitudes culturais e tradicionais que promovam a aceitação e até encorajamento da violência, e uma tolerância zero da violência;

- Alinhar conceitos de gênero, questões de gênero, Violência Doméstica e Direitos Humanos das Mulheres e Crianças nos planos/orientações de aulas dos professores;
- Conscientização sobre a questão criando e difundindo material e mensagens inovadoras de audiovisual que projetem uma imagem positiva das meninas e mulheres na sociedade, e que retratem a violência doméstica como inaceitável;
- Serviços de informação sobre os direitos das mulheres e crianças;
- Educação que frise o papel da crescente responsabilidade masculina para acabar com a Violência Doméstica e envolvimento da advocacia masculina contra a violência;
- Campanhas de multimídia para acabar com a Violência Doméstica;
- Formar grupos de discussão focados na desmistificação do Machismo e na redefinição da Masculinidade;
- Mudança de normas e comportamentos dos homens e meninos;
- Mudança de crenças culturais e tradicionais, atitude e práticas que reforcem estereótipos e tendências de gênero;
- Desafiando estruturas e sistemas patriarcais que criam ou promovem um ambiente maduro para o abuso;
- Reexaminando nosso uso pessoal do poder;
- Panfletagem pela mudança de leis e ordens que promovam e protejam os direitos das mulheres e crianças;
- Apoiar esforços Anti-Violência do governo e sua comunidade imediata.

2. Programas de Intervenção e Proteção

Para as Vítimas: Endereçando as necessidades práticas imediatas das mulheres que passam por abuso, é necessário encaminhar serviços de sensibilização de gênero onde as mulheres sejam tratadas com respeito e não sejam estigmatizadas. Estes serviços incluem:

- Serviços médicos
- Serviços de segurança e proteção
- Serviços sociais: alimento, abrigo, vestuário
- Aconselhamento e cura de trauma e outras intervenções psicossociais
- Serviços legais

- Sistema de referência para o uso destes serviços.
- Sistema de referência para fazer uso de estes serviços

Do abusador: Programas de Reabilitação que friseem a autoajuda, respeito, dignidade humana, autocontrole e manejo da raiva, modos alternativos de resolução dos conflitos, mecanismos para lidar com crises e outras habilidades semelhantes.

Trabalho de Rede: Estabelecer contatos com agências governamentais locais e nacionais, bem como outras organizações tais como a igreja, ONGs onde pode encaminhar as vítimas/sobreviventes – para a necessária assistência que você, ou sua organização, não consegue oferecer.

3. Programas de Empoderamento e Capacitação

Sem o empoderamento das mulheres, elas continuarão sendo vítimas. Precisamos ajudá-las a transcender sua vitimização para se tornarem sobreviventes, e capazes de ajudar outras. A implementação e fornecimento dos seguintes programas e serviços poderiam ajudar:

- Oportunidades de educação e treinamento de habilidades;
- Independência econômica e de vida;
- Acesso a crédito;
- Emprego;
- Criação/Organização de grupos de apoio;
- Espaço amigável e ambiente de apoio que permita a livre expressão e a comunicação;
- Desenvolvimento de amizades e redes sociais;
- Caminhar com elas e monitorar seu progresso.

A Campanha de 18 Dias pelo Fim da Violência Contra as Mulheres é observada anualmente, de 25 de novembro a 12 de dezembro, em todo o mundo. Portanto, é hora de considerarmos como nós, mulheres de Congregação Religiosa, podemos alargar mais significativamente nosso círculo de comunhão com as mulheres em nossa respectiva missão, particularmente com as vítimas e sobreviventes de abuso e como podemos fornecer serviço de ajuda.

Mas primeiro é necessário parar e refletir sobre nossas próprias crenças pessoais e congregacionais, valores, atitudes, práticas e formas de pensar e fazer as coisas a fim de, apesar de escolhermos responder e intervir na ajuda, não acrescentar ou agravar involuntariamente a vitimização ou opressão das mulheres.

ASSIM, NOS PERGUNTAMOS:

1. Pessoalmente

- ¿Cómo veo y considero a las mujeres maltratadas?
- ¿Cómo escucho sus historias?
- ¿Soy capaz de ver las cosas desde la perspectiva de los abusados?

2. Culturalmente

- Que crenças culturais e tradicionais, valores e atitudes ainda tenho que reforçam estereótipos e tendências de gênero?
- Na minha maneira de pensar e fazer as coisas, contribuí involuntariamente a um ambiente que permite o abuso?

3. Sensibilidade de Gênero e uso de lentes de Gênero

- Que sensibilidade de gênero tenho nos meus relacionamentos com outros?
- Reconheço a diferença de como homens e mulheres são afetados por nossas estratégias, práticas, projetos, programas e em tudo o que fazemos na realização de nossa missão?
- Reconheço e ajo para endereçar ou retificar alguma forma de desigualdade, surgimento de injustiça no meu lidar com outros?
- Na implementação de nossos programas, projetos e trabalho, estamos acrescentando opressão e discriminação ao fardo das mulheres?
- Meus relacionamentos com os demais são vivificadores, curadores e nutritivos?

4. Poder

- Quais são minhas fontes de poder? (idade, saúde, integridade, experiência, perícia, talentos, habilidades, recursos, posições? Etc.)
- Como uso meus poderes? (reger sobre, reger para, reger com...)
- O uso de meus poderes está empoderando ou desempoderando outros?
- Ainda estou adotando/aderindo a um referencial patriarcal no uso de meus poderes?

Traduzido por Ir. Noemia Sulzbach SSpS - BRS